

**ROGÉRIO SILVÉRIO DE FARIAS**



**Contos Fantásticos  
do Mestre do Terror e da  
Fantasia**

## ZUGDULHULGLOS



Não me lembro muito bem quando foi que tudo aconteceu – se é que aconteceu de fato. Tenho tido pesadelos horrendos nas últimas noites, e, além disso, uma vontade incoercível de dar cabo de minha própria existência. Tenho me sentido muito estranho ultimamente. Vertigens, náuseas, dores de cabeça horríveis. Confundo os acontecimentos passados gravados na minha memória com os fatos concretos da realidade cotidiana. São sonhos grotescos, sonhos alucinantes em que o horror perambula com suas múltiplas faces pelas regiões aterrorizantes além do sono e da morte. Sou um homem condenado, já perceberam. A morte se aproxima de mim, eu posso sentir.

Acho que era o “Tid-Aunwule”, a data em que o horror começou. O “Tid-Aunwule”, que na bizarra língua da exótica e extinta tribo dos índios que tinham sido os primeiros habitantes de meu torrão natal, queria dizer literalmente “Festa dos Mortos”, ou seja, o equivalente ao nosso “Dia de Finados”. Eu e meu amigo sabíamos disso. Sim, era o “Tid-Aunwule”, e os terrores noturnos e espectrais, inacreditáveis demais para a prosaica e hodierna ortodoxia científica, estavam prestes a atingir o zênite em nossas frágeis e perturbadas mentes, conduzindo-nos aos turbilhões insólitos do medo, do terror sobrenatural.

Antes de morrer, quero contar tudo. Sabem, hoje em dia sou um sujeito nervoso, neurótico. A paranóia me domina. Restou-me, pois, o derradeiro fio de esperança: quero desabafar. Quero contar minha história, e depois cantar, cantar até a morte uma negra canção de horror e loucura, embora eu tenha a certeza de que não sou e nunca serei louco de fato.

Era um tipo enigmático e estranho, aquele ancião. O tipo de velho que provoca calafrios só em olhar. De fato um gênio proecto com ares de demônio louco. Na verdade, tão absurdamente solitário quanto um deus ou um diabo. Nunca o tinha visto na cidade, embora meu querido avô Antônio Laurindo tivesse me contado algumas histórias horríveis sobre esse velho e estranho habitante da antiga cidade de Barbatana do Sul, onde moro até

hoje, prisioneiro de mim mesmo, de minhas lembranças terríveis e de meus sonhos horrendos e fantasmagóricos. Sim, a antiga, misteriosa e corrupta Barbatana do Sul, pequena cidade litorânea, um pequeno inferno onde prevalece a politicagem, a maldade e a falta de caráter dos governantes e autoridades locais.

Sabem, dizem que eu enlouqueci depois de tudo o que aconteceu, se é que aconteceu, repito mais uma vez, porque até hoje não sei se tudo aconteceu de fato ou se foi apenas um terrível e horrendo sonho, um delírio onírico ou alucinação pesadelar, uma peça macabra pregada pela minha mente perturbada. Mas não ligo para esses espíritos ignorantes que fazem pilhéria com o que aconteceu comigo. Não ligo para esses ineptos e fofoqueiros inúteis da corrupta Barbatana do Sul. Um dia a verdade virá a tona, e então veremos quem é o louco nessa história toda. Sim, um dia a verdade cintilará ante nossos olhos estúpidos como uma gema preciosa, e fará com que nossos preconceitos e opiniões acerca do sobrenatural e das coisas terríveis que não são visíveis para os olhos físicos comuns fiquem bem claras como a luz do sol do meio-dia. Então, ou enlouqueceremos de vez, retornando a barbárie dos tempos primevos, ou nos tornaremos verdadeiramente eternos e oniscientes como os deuses antigos do céu, da terra e dos espaços tenebrosos dos recônditos do Inferno.

Aquele velho estranho dava-me calafrios, digo e repito. Seus olhos eram como duas luas negras cintilando num céu sombrio e infernal, dois abismos negros cintilando de variados e estranhos conhecimentos ocultos acumulados durante eras e eras, num ciclo quase interminável de estranhas reencarnações, duas estrelas sinistras de mistérios na palidez cadavérica de seu rosto, um cenho vincado por rugas horrendas que traçavam mapas de ciências e experiências místicas inimagináveis. Havia realmente algo de muito macabro naquele ancião vestido com roupas antigas e negras, moreno, magro e alto, e sempre com velhos e ensebados livros de Ocultismo e Astronomia na mão.

Não tinha amigos, aquele velho. Amigos humanos e normais, eu quero dizer. Presumo que uma solidão quase perpétua era sua única companheira. Seus verdadeiros amigos eram invisíveis para os olhos normais e fracos do resto da tola humanidade, assegurou-me o velho estranho, num tanto sarcástico. Além disso, o velho não costumava conversar ou fazer amizade com facilidade. Ele precisava e queria ser arredo. Fazia parte do estranho processo de armazenamento secreto de energias místicas incompreensíveis demais para o resto desprezível dos habitantes da cidade, ele me disse. Era um misantropo e asceta, eu logo pude perceber. Só nos conheceu porque eu e Otávio, meu amigo, tínhamos ido até o sombrio pântano da Coruja Corcunda, nos limites de Barbatana do Sul, uma região coberta de névoas e tida como mal-assombrada pelos mais supersticiosos; tínhamos ido caçar alguns lagartos para dissecarmos na

aula de Biologia do dia seguinte, atendendo o pedido da tola e coquete professora Zelda Evans, filha do delegado Mathias Leôncio, um certo salafrário que conseguiu o cargo de autoridade na cidade mediante artimanhas políticas e manobras sórdidas que o próprio Satanás, em seu trono de brasas no inferno, duvidaria. A mãe de Zelda era juíza da cidade, e também arranjara este cargo através de práticas ilícitas em concursos públicos fraudulentos, além de ser uma matrona depravada, amante dos poderosos e ricos da cidade e também do satânico e lascivo padre de Barbatana do Sul, um certo efebo abjurante de nome Jairo Jeremias, metido em seitas secretas de magia negra e rituais malditos em pequenos templos subterrâneos. O nosso país, a corrupta República Pindorama, não tinha jeito mesmo, de modo que a pequena Barbatana do Sul era apenas reflexo da podridão da pátria.

Quando o encontramos, lá no sinistro pântano da Coruja Corcunda, ele, o velho, entabulou conversa conosco, talvez meio sem jeito por o encontrarmos ali, com os livros e aquele estranho instrumento azul e feito de um material que se assemelhava vagamente com cristal, mas que, curiosa e estranhamente, emanava um certo odor fétido de carniça.

“Atualmente me chamo Zugdulhulglos, como vocês já devem ter ouvido em conversas de fofoqueiros locais. Estou neste brejo amaldiçoado fazendo, digamos, algumas experiências. A ciência, aliada a magia, sempre exerceu sobre mim o seu fascínio...”, disse o velho esquisito.

E eu e Otávio, procurando demonstrar simpatia, dissemos qual o nosso objetivo ali, no brejo fedorento. Estudo, trabalho escolar.

“Magnífico! O estudo enobrece o homem. E os animais e seres inferiores devem servir de cobaia e sacrifício para o conhecimento das raças superiores!”, concluiu o velho sinistro, uma espécie de loucura ímpia cintilando nos seus olhos terríveis e lunáticos.

Depois de uma pausa, ele subitamente ergueu os olhos para o céu. Estrelas no escuro cintilavam, aziagas, como olhos de legiões de demônios aracnídeos na imensidão infinita do universo profundo e amedrontador.

“Lá, estão vendo aquela estrela?”, e apontou para Aldebarã, vista por entre as folhas de um grande salgueiro, numa nesga de céu escuro onde reinava soberana a lua cheia que se espelhava, vaidosa, nas águas rasas e fedorentas do pântano da Coruja Corcunda, como se fosse uma rameira libidinosa do Cosmo. “Os homens chamam-na Aldebarã, mas seu nome verdadeiro é Aklythyachysya. Foi para um mundo próximo a Aklythyachysya, chamado Sv’ruathx que meus antepassados, os índios que habitavam Barbatana do Sul em seus primórdios, foram levados, numa noite. Sim, o xamã da tribo estabeleceu contato mental com eles por meio

de estranhos e antigos rituais... eles, os deuses celícolas... e aprendera segredos cósmicos arcaicos. Compreendam que hoje é o dia da abertura do grande portal dimensional, o túnel do hiperespaço que se forma entre as galáxias, unindo as humanidades estelares e os planos físico e astral. Compreendam. É um dia raro e magnífico. Acontece a cada milênio. Já disse que me chamo Zugdulhulglos. Não é um nome comum, vocês já devem ter desconfiado. Na verdade, trata-se de um nome, digamos, inumano. Mas isso pouco importa porque eu já tive e ainda terei vários nomes no decurso das minhas inúmeras reencarnações!”

Ele apontou o estranho objeto que tinha na mão, em direção a Aldebarã. A extremidade da “Chave transespiritual materializante e hiperespacial”, como ele chamava o tal aparelho ou objeto de cristal fedorento, que emitia um brilho estranho em sua extremidade. E antes de expelir uma gargalhada que retumbou no silêncio sepulcral do pântano como um hino tétrico de insensatez e heresia, ele falou:

“Não sei se devo amaldiçoá-los ou agradecê-los, mas vocês terão que vir comigo, meus jovens. Felizmente ou infelizmente, não sei. Espero que consigam manter suas mentes calmas para o que vão presenciar e ver. No entanto, admito que isto não será tarefa fácil, sendo quase impossível. Trata-se de um conjunto de experiências fantásticas que jamais se apagarão de suas frágeis memórias e tampouco de suas almas”.

Então eu e meu amigo olhamos para o céu outra vez e vimos o que parecia ser uma nuvem escura brilhante, seguida de uma luz azulada em vários tons, muito forte, que cegou-nos momentaneamente como um relâmpago do inferno, e então desmaiamos nas covas da inconsciência profunda.

Recordo vagamente dos terríveis sonhos que tive durante a minha síncope. Até hoje desconfio que não foram exatamente sonhos, mas ultra-sonhos! Sonhos fantásticos e horrendos em que me vi, junto com meu amigo Otávio e com aquele necromante ou ufólogo endiabrado. Visitei mundos inimagináveis, terríveis, terras desconhecidas de esferas enlouquecedoras, templos malditos de adoração satânica em mundos muito além da matéria, nas vastidões entre as estrelas do Cosmo infinito, em buracos negros de universos muito além das loucuras do Bem e do Mal.

Quando acordei, estava no hospital de Barbatana do Sul. Meu amigo Otávio enlouquecera pouco antes de morrer para este mundo horroroso de violência e força (no leito de morte ele soltara gritos horripilantes mesclados com gargalhadas de medo e loucura durante a agonia). Os pedantes médicos e a estúpida Polícia da cidade acabaram concluindo que fôramos atingidos por um raio nascido de uma tempestade súbita em nossa visita aquele pântano sinistro. Tínhamos sido encontrados por meu velho e bom tio Lauro, que fora de jipe atrás de nós, devido a nossa demora.

Quanto a Zugdulhulglos, os pífios policiais riram de mim, pois Zugdulhulglos não passava de uma espécie de lenda local. Um antigo e quase esquecido ente folclórico, digamos assim. Ele era uma espécie de bicho-papão ali, naquela região praiana. Depois, consultando a biblioteca pública e o arquivo histórico da cidade, descobri que houvera de fato um tal Zugdulhulglos, em tempos muito antigos, na fundação da cidade. Houvera realmente, no passado da cidade, um morador com esse nome, um morador estranho, mas aparentemente não tão diabólico quanto o Zugdulhulglos que eu vira, lá, no tétrico Pântano da Coruja Corcunda. Este homem, pelo que li e estudei, era descendente da antiga e estranha tribo que fundara Barbatana do Sul, um mestiço, na verdade. Ele passava noites e noites em claro, no topo de uma grande colina, olhando para o céu, para as estrelas misteriosas nos confins do Universo, como que possuído por uma estranha nostalgia de seus selvagens ancestrais, que segundo lendas, não teriam sido extintos pelo progresso e pela civilização, mas sim levados por um estranho e cintilante raio azul brotado de uma nuvem de ferro que os levara da Terra para juntos dos deuses celícolas que eles tanto adoravam. Era uma espécie de astrônomo amador ou lunático, esse tal Zugdulhulglos?... Acabou enlouquecendo e morrendo por seu passatempo ou mania, pelo que li em velhos manuscritos e jornais da época. Pouca coisa se sabe sobre isso...

Desde então tenho sofrido com os horrores noturnos de meus pesadelos. Rezo para que a morte chegue como uma benção. Uma espécie de paranóia me domina como um demônio torturador, tornando minha existência insuportável. Não sei explicar muito bem o que se passa comigo. Quase não saio mais de casa. Tornei-me muito mais que um psicótico. O medo alastrou-se em meu ser, tornando-se uma mortalha em mim. E o que mais me assusta é a chegada das sombras da noite, com seus mistérios sobrenaturais e inimagináveis. Estou na miséria, e pouco dinheiro que arrecado sabe Deus como, uso-o para comprar drogas e bebidas. Mas hoje, em especial, a coisa mudará; faz uns cinco minutos que ingeri o veneno. Decidi-me a acabar com tudo. Minha mão começa a tremer, meu estômago principia a doer e minha vista vai ficando cada vez mais turva, impossibilitando-me de continuar a escrever esta mensagem que deixarei em especial para todos os cétricos. Deixarei este manuscrito à vista de todos, para que tentem entender o porquê de meu suicídio.

Acho que o que eu e meu amigo falecido havíamos visto naquele dia maldito era uma espécie de entidade espectral, uma casca espiritual ou cascão vitalizado ou lado negro deste estranho e lendário homem, Zugdulhulglos, que tenho certeza, não era humano, oh!, santo Deus, não era humano!...

FIM

## **DONA ZIZI E A METEMPSICOSE**

Seis horas da manhã! Acordo-me estranhamente cansado! A sensação era de que minha alma andara, durante o sono, por outros reinos, invisíveis e praticamente inacessíveis à parcela comum da humanidade que vive durante a vigília. Ergo-me do leito como um morto-vivo que ser ergue da tumba naqueles filmes de terror superdivertidos. Mais um dia. Os pardais já estão chilreando, numa algazarra semelhante às das crianças num jardim de infância. Esses pardais são os moleques do mundo dos pássaros!

Um frio de rachar. Inverno. Vento. Chuva fininha, triste como minha alma. Abro a janela e vejo uma velha senhora caminhando pela rua. Ah, é ela! A dona Zizi! Um amor de velhinha. E tão sozinha, coitada. Mas antes só do que mal acompanhada, uma vez ela me disse. Nunca casou. Bem que ela fez! A maior parte dos homens é composta por brutos e insensíveis, não entendem a beleza da psicologia da mulher, e ainda mais uma mulher como a dona Zizi, uma dessas almas puras e límpidas que aparecem no mundo, de tempos em tempos, na maior simplicidade, na maior ternura, simplesmente para nos mostrar como este mundo poderia ser bem melhor. Uma velhinha que nunca falava mal de ninguém, só ficava no cantinho dela, mas quando podia ajudava os outros com suas palavras de incentivo e esperança.

Pois lá ia a dona Zizi, com aquele frio, com uma sandália bem velhinha. Coitadinha, não sobrava dinheiro nem para comprar um par de meias e um sapatinho!...Dona Zizi era muito pobrezinha, sua aposentadoria quase não dava para sobreviver. Dona Zizi ia com um saquinho pardo de papel com pães dentro. Sim, tinha ido à padaria e voltava, agora. Morava sozinha. Numa casinha de madeira, sem pintura. Mas muito, muito bem limpinha, ouviram? Muito bem cuidada, uma casinha de pobre porém bem "arrumadinha".

Cumprimentei-a pela janela. Ela me deu o seu "bom-dia!", o sorriso nos lábios, cabelo bem penteadinho, preso num coque. Que velhinha caprichosa! O vestidinho amarelinho, bem limpinho e passadinho! Quem foi que disse que uma pessoa pobre não pode andar bem vestida? Não me refiro a roupas da moda, roupas novas e de marca. Refiro-me ao capricho e zelo ao vestir-se, mesmo que as roupas sejam velhinhas como eram as da dona Zizi.

Continuo olhando pela janela. Dona Zizi numa das mãos segura o saco de pão, na outra a sombrinha. A chuva é fina mas molha! “É chuva para enganar bobos!”, gritou dona Zizi.

Lá vinha ELE, o adepto das sombras do mal, vinha no sentido contrário à dona Zizi. Vinha de automóvel. E que automóvel! Era um dos políticos da cidade, o tal “ELE”. Para esses vagabundos sempre sobra dinheiro para comprar um carrão daqueles. E como, se eles não trabalham, não fazem nada? Ou melhor, fazem sim: brigarem uns com os outros como cães do inferno que são. E nós, o povo, ficamos no meio da briga de cachorros grandes. O tal político dentro do carro sempre se elegia, sempre na base do clientelismo e outras sacanagens. Dentro do automóvel a cabeça empinada de tanta arrogância, como se fosse o dono da cidade. Que sujeitinho estúpido, meu Deus! Só podia ser político mesmo. Usando óculos escuros...mas em dia nublado e de chuva? Vai ver queria esconder seus olhos. Os olhos são os espelhos da alma, não dizem? É bom que ele esconda mesmo aqueles olhos de raposa, para não vermos tanta podridão. Vagabundo!...E nós aqui, trabalhando, estudando ou se rebolando para sobreviver...

Olha lá, olha lá! Mas que vagabundo mesmo, passou por uma poça de água com o carro “voando” e respingou o vestidinho amarelinho e limpinho da dona Zizi, sujando-o quase todo (ainda bem que ela se defendeu um pouco com a sombrinha, usando-a como escudo). Juro, se eu tivesse um revólver na mão atirava naquele metido a besta, ali mesmo de minha janela! Eu entraria no Inferno, mas teria esse gosto! Nem no trânsito esses vagabundos da política respeitavam os cidadãos de bem! Pensam que são os donos da cidade! Que desaforo!

Dona Zizi sorriu para mim, meio sem jeito e gritou, a voz fraquinha pelo peso dos anos:

- E a gente tem que agüentar essas “coisas”!...Na próxima encarnação quero voltar como um bichinho, os bichos são mais civilizados do que algumas pessoas!...Ah, quero vir como passarinho, não pára ficar preso em gaiola, mas para voar e cantar livre pelo céu! – e dizendo isto começou a rir com gosto.

Dizem que Deus atende os pedidos das boas almas como a da dona Zizi. Torci para que sim, naquela manhã fria, nublada e com garoa.

Acenei-lhe, sorrindo, com o polegar erguido e meneei a cabeça afirmativamente.

Passou-se uma semana.

E ali estava eu de novo, acordando-me para um novo dia. Junto com os pedaços de sonhos que se desmanchavam rapidamente como bolas de sorvetes atiradas a uma chapa quente, veio uma sensação estranha, uma espécie de saudade ou nostalgia de algum lugar, um lugar que logo entendi ser uma outra pátria, uma pátria espiritual, uma pátria onde todas as pessoas são como a dona Zizi, bondosas, humildes e compreensivas!...

Todas as manhãs eu abria a janela e via a dona Zizi, voltando ou indo à padaria, comprar os seus pãezinhos. Desta vez eu perderia a minha imbecil timidez e diria bem alto: "Bom dia, dona Zizi, a senhora é um anjo, uma amor de pessoa, eu adoro a senhora! Eu gosto muito da senhora, ouviu?". Sim, ainda perderei esse medo bobo de me entregar às pessoas, de tê-las como amigas, perder esse medo que tenho de dizer alguma coisa sem querer que ofenda as pessoas. Triste o destino da gente, parece que representamos um papel durante essa coisa louca na qual foi transformada a vida, numa civilização que quanto mais evolui, mais fria e insensível se torna. Eu deveria era morrer mesmo.

Fiquei esperando a dona Zizi passar, mas ela não passou. Naquele dia ela não passou. O que teria acontecido com dona Zizi?

Ela nunca mais passaria por ali. Nunca mais. Nunca mais.

Liguei o rádio. Era o noticiário da rádio local.

O locutor dizia a "nota de falecimento". Dona Zizi havia morrido no dia anterior. Estava muito velhinha, não tinha mais agilidade no caminhar. Tinha ido ,perto do meio-dia receber o dinheiro de sua mísera aposentadoria, que mal dava para manter ela sozinha, as migalhas que esse governo sem-vergonha, corrupto e preguiçoso que aí está pagava aos aposentados. Um adolescente bêbado, filho problemático e drogado do tal político que, dias antes, passara de carro e respingara o vestidinho da dona Zizi havia atropelado a pobre senhora. Morte. Morte instantânea, o vestidinho amarelinho da dona Zizi manchado de sangue, a última lágrima rolando pela face da dona Zizi.

Eu nunca mais veria a dona Zizi da minha janela nas manhãs, passando e sorrindo humildemente. Porque Dona Zizi estava morta. Morta. E uma parte de mim também estava morta. E eu nunca mais abriria aquela porcaria de janela da frente da casa. Nunca mais. Nunca mais!

As areias da ampulheta do tempo foram escorrendo, rapidamente. E toda dor que mora em mim derrama-se em forma de pranto, na escuridão de meu quarto, nas sombras das horas mortas da noite.

Um novo dia, uma nova manhã. E eu acordando de novo, infeliz por não ter morrido durante o sono. Infeliz por mais uma vez ter sido expulso daquele reino de felicidade que só encontramos no sono ou na morte. Infeliz por estar de volta a um mundo cruel e corrupto onde a solução para tudo parece estar na morte. Ah, Senhor Deus, por que Tu me deixas aqui, ainda, neste mundo da dor e da crucificação? Por que Tu me deixas aqui, como uma palhaço triste num circo de horrores em chamas, rindo, rindo o tempo todo para parecer um sujeito feliz ou tentar alegrar os outros, por que me deixas aqui? Por que me deixas aqui, Senhor Deus dos desgraçados, por que me deixas neste mundo de guerras, fome, doenças, corrupção, catástrofes, solidão, desespero, leves acidentes que matam? Por que me deixas aqui, no escuro, sozinho, vertendo as lágrimas amargas da desesperança?...

Os pardais estavam numa algazarra, cantando na beira do telhado. Eu ouvia. Abri a porta e ouvi um outro canto, um canto doce e suave que se distinguia dos demais. Eu estava muito triste, mas aquele canto especial me alegrou porque era muito, muito bonito. Não era o chilrear de pardais, eu prestava atenção. Então eu o vi!... Um passarinho amarelinho, da cor do vestidinho da dona Zizi! Estava pousado no muro. Cantou alegre por alguns minutos, como se estivesse a cantar para mim, animando-me. Depois alçou vôo no céu azul da manhã radiante, rumo ao infinito, livre.

Eu não acreditava muito em Metempsicose. Passei a acreditar. Dizem que na Índia pessoas acreditam na Metempsicose. Mas também há quem diga que é ilógico uma alma voltar ao mundo reencarnando-se numa forma animal, dizem que seria regredir. Quem foi que disse que é assim? Para mim um passarinho vale muito mais que certos seres humanos, como alguns políticos safados, por exemplo! Por que Deus, em sua infinita misericórdia e eterna sabedoria, não atenderia uma alma bondosa como a de dona Zizi, que naquele dia de garoa, desejou ardentemente retornar ao mundo na forma de um belo e livre passarinho para voar e cantar alegremente nos céus da liberdade?

## **O CAVALO**

Qualquer pessoa com um mínimo de sensibilidade pode ver como são magníficos, sensíveis e imponentes esses animais, os cavalos! Eles estão aqui, ao nosso lado, em nosso planeta, há séculos, evoluindo conosco, evoluindo talvez até mais do que nós, tolos seres humanos, cuja presunção, arrogância e prepotência diante dos animais chega ao cúmulo de maltratá-los, embora quase todos eles estejam aqui para nos ajudar.

Como são mágicos, esses animais, os cavalos! Basta ver que eles são usados hoje em dia na Equoterapia, no tratamento de pessoas especiais, portadoras de dificuldades e/ou deficiências.

Mas muita gente, por ignorância ou malvadeza, ainda maltrata esses animais, os cavalos.

Basta ver a história que vou contar.

Aconteceu no verão. Era um calor infernal, um dia dos mais quentes. Janeiro ou Fevereiro, não lembro ao certo. Nessa época, aqui no Sul faz muito calor. Era época de férias e as pessoas aproveitavam para ir à praia.

Eu estava na cidade histórica de Laguna, esperando o ônibus, com a mochila às costas, quando uma carroça abarrotada de caixas de papelão e outras quinquilharias e bugigangas se aproximou do lugar, que ficava perto de uma pequena lanchonete. Em Laguna é comum ainda se ver essas carroças e charretes que passam por suas ruas estreitas e antigas.

Ali estávamos. Eu, uma velha senhora e uma menina de seus sete ou oito anos, sua netinha, uma menina muito bonita de olhos azuis e cabelos loiros que lhe davam um aspecto de querubim. Por coincidência iríamos pegar o mesmo ônibus e o mesmo destino, a beleza paradisíaca da praia do Farol, no Cabo de Santa Marta.

Já disse que o calor era insuportável, já passava do meio-dia. Ondas de calor subiam do chão como labaredas invisíveis. Muito, muito calor!

A tal carroça fez uma parada. O homem que conduzia a carroça, um tipo especialmente repulsivo, violento e estúpido chicoteava impiedosamente o velho animal, um cavalo meio avermelhado, quase um pangaré, provavelmente vencido pelos anos e mais anos de mau trato e trabalho duro.

O animal estava suado, magro, não sei como ainda se agüentava sobre suas quatro patas. Era visível sua sede.

Era muito peso para aquele pobre animal, vencido pela idade, pelo cansaço e pelo calor. E além disso eu, a velha senhora e sua neta percebíamos que o cavalo já não agüentava mais a sede. Estava suando muito, o pobre animal.

O homem bruto que conduzia a carroça pôs-se a chicoteá-lo terrivelmente, com raiva e crueldade pela lentidão do pobre animal. Parecia um demônio do Inferno açoitando o cavalo.

- Vamos seu animal estúpido! Mexa-se! Não tenho tempo a perder! Mais rápido, vamos, seu maldito desgraçado! Animal estúpido dos infernos! – gritava o homem, enquanto chicoteava impiedosamente o lombo do pobre cavalo, que parecia tremer de tanta dor.

A velha e sábia senhora murmurou-me, indignada, enquanto balançava a cabeça negativamente:

-“Animal estúpido dos Infernos”...Deve ser ELE MESMO, esse homem cretino! Ele é quem deveria estar puxando a carroça!

A menina, neta da senhora, tentou conter suas lágrimas diante de tanta brutalidade contra aquele velho cavalo. Pude sentir que uma lágrima cintilou como diamante num de seus belos e pequenos olhos azuis.

O homem da carroça parou uns cinco metros adiante, saltou da carroça e se dirigiu até a lanchonete, nas proximidades, como um grande energúmeno.

Pude observar, junto com a senhora e a menina, que o homem bruto e agressivo sentara-se diante do balcão e principiava a beber cerveja, a fumar e importunar com palavras e histórias grosseiras as demais pessoas do lugar.

Havia, perto de onde estávamos, uma torneira que o dono da lanchonete utilizava para lavar seu automóvel e a própria calçada defronte ao estabelecimento comercial. Um balde de plástico também estava ali.

Nesse momento, profundamente sensibilizada com a verdadeira tragédia cósmica que era o destino do animal, a menina pegou o balde e olhou para mim e sua avó. Rapidamente, num acordo tácito, sabíamos o que

deveria ser feito. E tudo deveria ser feito rapidamente, para que o grosseiro e violento dono do cavalo não notasse.

A água encheu o balde. E o levamos até onde a carroça estava. E assim o cavalo bebeu toda a água fresquinha no interior do balde, graças a idéia da menina, talvez um anjo mandado por Deus em auxílio daquele pobre animal condenado à escravidão e à brutalidade de seu dono, este sim, o verdadeiro "cavalo" da história.

Após tomar todo o líquido, o cavalo nos fitou com seus olhos grandes, escuros e estranhos. Por todos os anjos do Céu e da Terra! O que vimos naqueles olhos fez com que nos arrepiássemos!... Nunca mais me esquecerei do jeito como aquele pobre cavalo nos olhou! Nunca mais!... Eu, a velha senhora e a menina tínhamos visto algo no olhar daquele cavalo que carregaríamos para o resto de nossas vidas, como uma lembrança clara e indelével de como os animais podem ser melhores do que muitos seres humanos...

Por Cristo e seus discípulos! O que víramos nos estranhos olhos daquele velho e cansado cavalo poucos seres humanos ainda têm. O que tínhamos visto foi um brilho de...GRATIDÃO!

## **SEU FLORIANO FOI PARA O CÉU**

Hoje eu falarei de morte. A morte imbecil. A morte que chega como um ladrão na noite. A morte idiota que só o trânsito ensandecido deste país que não respeita nada e ninguém pode proporcionar.

Nem cidades interioranas como a minha escapam desta morte maldita. É, minha cidade cresceu, já não é mais a mesma. O trânsito parece de cidade grande.

Ninguém tem culpa, dizem alguns. É o preço que pagamos pelo progresso. Será? Cada um passa a responsabilidade para o outro. É, talvez caminhar tranquilamente pelas ruas seja um crime nos dias atuais.

Seu Floriano, um velhinho de 77 anos foi para o céu. Morreu atropelado, hoje. Saiu de casa de manhã cedinho para comprar um presente para sua netinha que completaria 15 primaveras no fim de semana. Ia ser segredo, o presentinho, na festinha surpresa no final de semana. Ia. O pacote voou pelos ares, como um pássaro solto abruptamente das mãos calejadas e sofridas deste honesto trabalhador rural quando o carrão

importado de um apressado juiz da cidade o atropelou, matando-o instantaneamente.

As mãos trêmulas do policial que tentou socorrer o atropelado seguraram a caixa com o presentinho, o bilhete colado dizendo: "Daniele, anjo do vô Floriano, feliz aniversário!". O policial conhecia o seu Floriano. O policial rangeu os dentes de emoção contida ao entregar o presente nas mãos da netinha que àquela hora voltava da escola e viu, em prantos, o corpo do avô deitado no frio asfalto da cidade fria. O policial engoliu em seco, não conseguiu ocultar uma lágrima cintilando em seus olhos sombrios, e cumpriu o seu dever de tapar respeitosamente com um pano branco o corpo do velho e bom homem estirado ao chão.

Era hora do almoço. O trânsito enlouquecido, pessoas enlouquecidas no volante, numa pressa e imprudência que desafia toda compreensão filosófica. Foi nessa hora que seu Floriano foi para o céu, na hora da pressa ruim dos homens.

O juiz que atropelou seu Floriano tinha pressa, pressa ruim. Muitos compromissos. Muitos papéis para assinar e ler, talvez. Muito importantes os papéis do juiz que atropelou o seu Floriano. Talvez tenham o mesmo valor que eu dou para o papel higiênico. O tal juiz fala muito em Justiça. Muito bonito, o seu discurso e eloquência quando dá entrevistas na rádio da cidade. Um discurso perfeito, eloquência magistral, segundo dizem os aduladores de plantão. Quero ver agora! Certamente vai dizer que foi o seu Floriano que atropelou a máquina peidorrenta de lata que ele conduzia com uma empáfia satânica típica dos poderosos. Ele sempre diz em entrevistas no rádio, nas manhãs de sábado, num programa estúpido comandado por um radialista que mais parece um papagaio adulator de poderosos, que a Justiça do Brasil é a mais equânime. O tal juiz deve ser de outro planeta e está aqui em turismo. Sim, a grande Justiça! Deus, se ao menos ela tirasse a venda dos olhos e tivesse com os poderosos o mesmo rigor que tem com as pessoas simples do povo! Mas a Justiça é cega!... E o pior cego é aquele que não quer ver!

É impressionante o número de loucos que dirigem em minha cidade. Tornam os automóveis verdadeiras máquinas de matar. Ninguém respeita ninguém. As leis do trânsito, ninguém as respeita, apenas as boas pessoas como o seu Floriano que atravessava a faixa de pedestres.

Então o que me resta dizer? Que nunca mais verei o seu Floriano. Nunca mais. Nem eu nem sua netinha. Nunca mais veremos o sorriso simples e

meio tímido do seu Floriano. Nossos olhos estão vendados do mesmo jeito que a Justiça, cega para o que há de mais importante no mundo, o semelhante!

Sim, eu vou continuar vivo. Vivo para continuar sentindo a falta de pessoas boas como o seu Floriano. Se existe de fato um céu, seu Floriano acaba de ser recebido pelos anjos. Seu Floriano, o senhor que na terra voou sem asas na liberdade das pequenas histórias mentirosas que o senhor contava alegremente para tentar dissipar as sombras amargas que escurecem as nossas almas de cidadãos bem-comportados desta coisa suja que se tornou a sociedade, muito obrigado por ter passado uns tempos aqui, conosco. Aprendemos muito com o senhor, na sua simplicidade de poeta sem estudo mas com a capacidade sonhadora daqueles que, altaneiros, elevam seus pensamentos para as coisas verdadeiramente importantes na vida: o convívio pacífico e alegre com o semelhante, o riso partilhado como forma de amizade, o respeito pelo ser humano, a paz entre os homens de boa vontade.

Seu Floriano, eu não fui ao seu velório e nem ao seu enterro. A sociedade me cobra coisas que eu devo fazer todo dia, como um autômato infeliz que sou. Seu Floriano, eu sou apenas mais um dente da engrenagem sórdida que torna o mundo uma coisa insuportável para um poeta com coração de criança como eu. Seu Floriano, a última homenagem que lhe faço, agora, é minha lágrima tímida que desce e pinga no gramado da praça da cidade onde o senhor contava suas histórias mentirosas mas educativas nas manhãs de domingo. Minha lágrima pingou naquela sementinha de flor que o senhor plantou ali, quando achou que o prefeito, muito ocupado com suas trapagens sórdidas, não tinha tempo para mandar plantar flores que tornassem a praça perfumada como a sua alma, seu Floriano. Minha lágrima de esperança e gratidão regou a sua sementinha, seu Floriano. Eu tenho certeza de que daqui a algum tempo eu passarei ali e verei a flor, bela e perfumada a enfeitar a praça. A flor, seu Floriano, vai ser a herança que o senhor deixou para os homens que ainda sonham e cultivam no coração o desejo sublime de gostar e amar seus semelhantes. Esteja para sempre com os anjos, seu Floriano, afinal, o senhor era um deles e a gente nem sabia!

A PROCURA DE STEVATAS

Fugindo dos horrores mórbidos do cotidiano insípido da cidade bem-comportada, para o bosque de Maremontes seguiu Jorge Stevatas, poeta consagrado nas altas plêiades literárias, levando consigo a solidão de seu corpo.

Em busca de paz e inspiração penetrou na floresta até que alcançasse a clareira e a velha casa abandonada indicada pelo amigo Júlio Leófitas, também autor consagrado e dado ao consumo do ópio.

Era primavera, e os animais, no cio, tinham feito dos recônditos da mata, a casa do amor selvagem. Stevatas contemplou a cópula dos animais e viu que os deuses do prazer não erraram quando trouxeram o fogo do sexo até mesmo para os animais, nossos irmãos menores, na escala evolutiva.

A lua cheia, ao cair da noite, como que grávida de lascívia, despiu-se na penumbra do céu lânguidamente, e sua nudez de luz opalina iluminou os olhos de Stevatas que sentiu a solidão e a falta de um outro corpo, porém Stevatas sentiu seu sexo erigir-se como um pequeno tabernáculo do desejo e com as próprias mãos fez com que o chafariz do lácteo vinho do amor manchasse a penumbra do quarto num grito de abandono.

Na clareira, na noite lânguida como uma feiticeira sensual, Stevatas encontrou a velha casa. Iluminava o pequeno copiar da casa com sua lanterna, a sua lanterna retirada meia hora antes de anoitecer da mochila que levava presa às costas.

A porta ele abriu com vagar. No interior acendeu a lareira, a luz bruxuleante dançando com volúpia e sofreguidão vencendo o escuro do recinto.

Havia a cama e algumas cobertas que ele sacudiu com vigor, retirando a poeira de anos de abandono. Já era tarde e Stevatas ali se deitou, o corpo reclamando de tanto ardor, a solidão açoitando-lhe a alma, que, montada no cavalo que era seu corpo, sofria também com os famélicos anseios do prazer, os anseios do amor que também tilintavam na mente como sôfregos sinos que acordam o desejo mais selvagem.

Neste instante as estrelas também já estavam nuas no céu noturno, excitadas elas brilhavam. E os grilos e sapos do bosque, como que num delírio erótico, ansiavam a majestade dos céus, nas casas aéreas e etéricas desenhadas pelos anjos do cio.

Stevatas adormeceu em fantasias e devaneios, e logo entrou no reino onírico onde Afrodite ainda reina e reinará por todos os eons, e a volúpia intensificou todas as santas vontades do amor. Entrou Stevatas em plena nudez e com a excitação a erguer-lhe a lança venérea de seu corpo de sonhos.

Sobre a cabeleira negra e desgrenhada de Stevatas repousava uma coroa de papoulas vermelhas cujo perfume sensual despertava-lhe ainda mais os anseios do prazer sem malícia.

E assim permaneceu Stevatas, em sonho e sexo, amando as dríades nuas e libidinosas com seus seios reluzentes e rígidos, com suas intimidades perfumadas como rosa matinais ao orvalho de uma manhã eterna, com suas bundas calipígias e seus sexos virginais.

Em certo momento, as ninfas, dríades e fadas nuas e belas como a verdade, beijaram tanto os lábios de Stevatas que de seu corpo escorreu um belo poema, líquido e quente, que escreveu com as letras de fogo do sexo as estrofes daquele supremo gozo venéreo e onírico.

O corpo de uma das dríades mais belas deixou Stevatas tão excitado a ponto de não querer mais acordar e sair daquele sonho.

Mas Stevatas acordou! O vento forte soprava lá fora, a mata atingia o orgasmo ao toque sensual do vento na noite quente de primavera.

Durante muitas noites, na solidão do bosque Stevatas sentiu o ardor evocado por tanta falta de sexo, mas ele nunca mais achou aquele reino opiáceo e lubrifico, um mundo onde os prazeres da carne e a lascívia eram como um hino à beleza do amor físico!

Vencido pela solidão e o desespero Stevatas tentava, no sono, achar novamente o caminho que levava até aquele mundo fantástico onde a paixão era linda e bela como uma virgem nua num altar de sacrifícios morrendo de prazer com uma punhalada na intimidade. Até que Stevatas não fazia outra coisa a não ser dormir e dormir e dormir, em meio à canção do silêncio que a mata lhe entoava como uma canção de ninar. Stevatas tentava encontrar aquele reino onde o sexo era feérico e calmo e puro. Não bebia e não comia, apenas dormia a procura daquele reino do sexo encantado.

Dias e noites ele dormiu, sem encontrar nos sonhos o reino do amor perfeito. A procura de Stevatas mostrara-se inútil.

Meses se passaram até que um trio de caçadores resolveu se abrigar na casa abandonada na clareira daquele bosque durante uma tempestade ao cair do crepúsculo.

Quando os três abriram a porta, o que viram foi algo estarrecedor! Eles arregalaram os olhos de pavor e estremeeceram.

Sobre a velha cama, estava deitado e nu como uma estátua da solidão, o corpo esquelético e putrefato de Stevatas, sobre sua cabeça uma coroa de papoulas vermelhas que emanavam um perfume almiscarado e narcótico que suplantava o odor da putrefação do cadáver, e ao redor de si bailavam pequenas borboletas multicores que eram como pequenas dríades ou fadas nascidas na luxúria virginal da mata.

FIM

Proibida a reprodução deste livro para fins comerciais sem a devida autorização do autor. Direitos reservados.

Catarinense de Tubarão, Rogério Silvério de Farias é considerado o maior autor de contos fantásticos na web. Uma leitura imperdível. Viaje neste livro onde o horror e o medo caminham de mãos dadas nas trevas da morte e do desespero de viver!